

Alcance e limites da simbolização e da representação dos processos psíquicos nas filosofias, na psicanálise e nas neurociências

Jorge L. Ahumada*, Buenos Aires

Frente às mudanças das psicopatologias que hoje nos acabrunham como psicanalistas e, inclusive, como cidadãos, o presente trabalho pretende deslindar se tais mudanças, no início do psiquismo, são, em princípio, passíveis de serem abrangidas pelas filosofias – exemplificadas pela fenomenologia de Habermas – ou pelas neurociências. A fenomenologia só chega a vislumbrar tentativamente e, como uma periferia, a ocorrência de fenômenos psíquicos por fora do modelo do texto a que se cinge, enquanto as neurociências só timidamente ampliam seu campo de estudo para além do cartesianismo de base de seus modelos mecânicos. Para tal fim, questiona-se a distinção, pelas neurociências, de uma memória procedimental ou implícita, que supõem não distinguir indivíduos ou eventos, e uma memória explícita, que só apareceria a partir de dois a três anos. Fica, pois, para a psicanálise, localizada na linha do naturalismo amplo de Freud, distante dos cartesianismos, conciliar seu devido lugar com o estudo das incidências da cultura dos meios sobre a simbolização e a representação, em especial quanto ao psiquismo precoce, no marco da atual epidemia de autismo.

Palavras-chave: fenomenologia, Habermas, neurociências, Kandel, psiquismo precoce, epidemia de autismo, memória procedimental ou implícita, memória verbal ou explícita, cultura dos meios.

* Psicanalista e membro da Associação Psicanalítica Argentina (APA).

Anteponho, de início, o termo simbolização ao de representação, pois, em meu entender, aquele tem prioridade em nosso campo. A seguir serão abordadas as noções de simbolização e de representação em psicanálise com relação às propostas hermenêuticas, assim como das ciências duras e das teorias da ciência que delas derivam, ou seja, o cientificismo, para logo tratar do começo do processo de simbolização e do impacto de sua obstrução e, finalmente, examinar as vicissitudes da objetivação nas neurociências.

Os termos simbolização e representação pré-existem à nossa disciplina, gozando de existência própria nas ciências, nas filosofias e na arte. No último século mereceram contribuições fundamentais em diferentes âmbitos filosóficos e nas filosofias da ciência que, moldadas usualmente em torno das chamadas ciências exatas ou duras, pretendem validade fora de tal âmbito, postulando modelos gerais do que entender por conhecimento. Destaco que, enquanto as outras ciências empíricas abordam o estudo de objetos e campos de estudo externos ao observador, na psicanálise, o objeto de estudo a ser desvendado, simbolizado e representado implica, ao mesmo tempo, o externo e o interno, o objetivo e o subjetivo, assim como o interjogo de tais dimensões.

Daí uma permanente tensão conceitual entre desvendar, sustentar e reelaborar conceitos de simbolização e representação surgidos da clínica psicanalítica, por um lado, e, por outro, tentativas de incorporar, quando não de reformatar, o campo conceitual da psicanálise conforme o emergente em diversos campos filosóficos e científicos. Ainda que se suponha que os psicanalistas, como qualquer âmbito de conhecimento, gozem de considerável autonomia para desenvolver seus conceitos partindo de achados em seu campo de estudo, por outro lado costuma-se ter como certo que a psicanálise deve alinhar seus conceitos para alcançar, em dado momento, papel acadêmico hegemônico, como ocorreu com o impacto do estruturalismo na psicanálise francesa da década de 1950, há meio século, veiculado nas propostas iniciais de Jacques Lacan, impacto que é detalhado por François Dosse (1992) em sua obra *História do estruturalismo*. Sirva aqui como exemplo o intercâmbio que sustentou na aula magna da Universidade de Frankfurt em torno das tentativas de Jurgen Habermas de reavaliar a psicanálise a partir de uma postura hermenêutica, a que farei referência a seguir.

A psicanálise e a filosofia hermenêutica: Freud e Habermas

O convite da Profa. Marianne Leuzinger-Bohleber e do Sigmund-Freud-Institut para participar como conferencista na Universidade Johann-Wolfgang

Goethe de Frankfurt, celebrando-se, em novembro de 2006, os cento e cinquenta anos do nascimento de Freud, foi a ocasião propícia para eu abordar a aproximação de Habermas ao pensamento de Freud, respondendo como debatedor o Prof. Axel Honneth, sucessor de Habermas em sua cátedra e no célebre Institut für Sozial-Forschung, fundado por Adorno.

Iniciei minha conferência – *Freud e Habermas: um encontro entre a psicanálise e a filosofia* – destacando a postura de falibilidade epistêmica de Habermas, que afirma:

Sustento que a capacidade de um filósofo para gerar problemas mediante a incitação intencional da dúvida é bastante limitada. Concordo com a dúvida de Peirce acerca de qualquer tipo de dúvida cartesiana. Os problemas surgem em situações sobre as quais não temos controle; são algo que nos sucede objetivamente (Habermas, 1985a, p. 198).

Freud havia valorizado a falibilidade peirciana longe do reducionismo e do dedutivismo das ciências exatas. Em uma contribuição tardia, Charles Peirce (1905) assinalou que a dúvida genuína é sempre de origem externa e deriva, usualmente, da surpresa, sendo impossível para alguém dar a si mesmo surpresa genuína por um simples ato de vontade. Isso desnuda o erro cartesiano de supor que é possível duvidar à vontade; nossas crenças, enquanto duram, nos forçam a crer até que uma surpresa rompa o hábito; a experiência convocada *a piacere* não seria experiência. Pouco antes havia afirmado:

Experimento mais que percebo... O campo da experiência nos familiariza com eventos, com mudanças na percepção... o conceito de experiência é mais amplo que o conceito de percepção e inclui muito que, estritamente falando, não é objeto de percepção. É a compulsão, a absoluta restrição que é exercida sobre nós, levando-nos a pensar diferente de como vínhamos pensando, o que constitui a experiência (*Ibid.*, 1903, pp. 88-89).

Seguindo com Peirce (1903): “Tal restrição e tal compulsão não podem existir sem resistência, sendo isso o que lhe dá seu caráter peculiar” (p. 89), o que abona a posterior ideia de Habermas (1985a) de que os problemas surgem em situações que não controlamos e nos acontecem objetivamente.

Em seu encontro com Freud, Habermas (1968) intitula o capítulo 10 de *Conhecimento e interesse* de *A autorreflexão como ciência: a crítica psicanalítica do sentido em Freud*. Manifesta – e com isso concordo – que Freud não era filósofo

e afirma a psicanálise como o único exemplo tangível de uma ciência que incorpora a autorreflexão metódica, unindo a hermenêutica a operações das ciências naturais. Enquanto, para a crítica filológica de Dilthey, a estrutura intencional da consciência subjetiva é a base experiencial última para apreender a mente objetiva, a interpretação psicanalítica, diz, é uma *hermenêutica profunda* expandida, que não se dirige às estruturas de significação na dimensão da intenção consciente, mas “une a análise linguística com a investigação psicológica de nexos causais” (*Ibid.*, p. 217), acessando conexões biográficas que se tornaram inacessíveis ao próprio sujeito.

A hermenêutica, afirma Habermas (1968, p. 173), “tem o duplo caráter de um método que descobre o conteúdo *empírico* das condições individuadas da experiência ao investigar as estruturas *gramaticais*”. Contrariamente a Freud, localiza a significação no marco da *estrutura linguística* da filosofia, apoiando-se no modelo do *texto* e na noção do *ato de fala*. Para Freud, a significação psíquica se apoia nos impulsos e nos afetos no marco da onipresença do conflito agressivo e sexual, enquanto a hermenêutica busca “uma intersubjetividade confiável de compreensão mútua” (*Ibid.*, p. 173); ali, a gramática da linguagem corrente rege o entretido dos elementos linguísticos, os padrões de ação e as expressões, vistos normalmente como complementares.

Entendo que os jogos de linguagem podem se desintegrar até o ponto em que tais três categorias já não coincidam mais. Para Habermas (*Ibid.*), o psicanalista enfrenta usualmente um texto corrompido, um texto falho que, ao mesmo tempo, expressa e oculta os autoenganos do autor.

Os desejos inconscientes freudianos são, para Habermas, símbolos e motivos excluídos da comunicação pública; em dita exclusão através do recalque, “as motivações conscientes presentes no uso público da linguagem se transformam em motivos inconscientes, por assim dizer, deslinguistizados” (*Ibid.*, p. 224). Sustenta que:

O *insight* analítico complementa um processo de autoformação falido através de *um processo de aprendizagem compensatório, que repara os processos de cisão [...]* A totalidade virtual atacada por tais cisões está representada pelo *modelo de pura ação comunicativa*, no qual todas as interações habituais e todas as interpretações relevantes para a conduta na vida são acessíveis a cada momento. Isso é possível com base na internalização do aparelho de linguagem corrente irrestrito da comunicação pública não compelida, preservando a transparência da história de vida

recordada [o objetivo é, aqui, o] estabelecimento de uma unidade corrompida (Habermas, 1968, p. 232-33).

Em tal contexto, afirma, “a linguagem é a base das funções egoicas, das quais depende a capacidade de testagem da realidade” (*Ibid.*, p. 239), enquanto que “a fuga do ego a si mesmo é uma operação que *é levada a cabo na e com a linguagem*. Ao não ser assim, não seria possível *reverter hermeneuticamente o processo defensivo pela via da análise da linguagem*” (1968, p. 241).

Que o conhecer se limite, para Habermas, ao conhecimento linguístico, na ideia de que “o que nos eleva acima da natureza é a única coisa cuja natureza podemos conhecer: a *linguagem*” (*Ibid.*, p. 314), ilustra que a hermenêutica concebe o desenvolvimento psíquico e o próprio homem à maneira de uma *antropogênese contra natura*, de um desprender-se da natureza em uma ruptura em cujo núcleo habita a linguagem.

Freud sustenta a continuidade entre o acesso ao conhecimento em nossa vida diária e as diversas formas de conhecimento científico que daí emergem. Acontece, porém, atualmente, após Wittgenstein e Austin, que a apelação ao senso comum é substituída por uma apelação à linguagem corrente (Coady, 1995). Sendo que, para o modelo da pura ação comunicativa, todas as interações habituais e todas as interpretações relevantes para a vida diária são acessíveis linguisticamente a cada momento. Aquilo que o psicanalista aborda é visto pela hermenêutica em termos de um *modelo de excomunhão* com relação ao modelo ideal, transparente, da comunicação pública (e, logo, privada), encarnada na linguagem corrente e nos jogos de linguagem. Assim, o sonhar é entendido como “uma linguagem desgramatizada e imaginisticamente comprimida” (Habermas, 1968, p. 241).

Para Freud, a linguagem é instrumental no acesso à consciência, mas não reside ali a significação. Os temas da linguagem não lhe eram alheios, pois foi, no início de sua vida profissional, um neurologista especializado em afasias, sobretudo nas afasias infantis. Para ele, a significação se assenta primariamente no nível inconsciente das *apresentações-coisa* não verbais, que seria preferível chamar *apresentações de relação*. É ligando-se a estas que as palavras adquirem significação; colocado de maneira simplificada, a significação é a emoção. A primazia outorgada por Habermas (1968) a um aparelho transparente de comunicação linguística apaga o papel da observação na gênese e na indagação do sentido e requer a recusa das apresentações-coisa freudianas:

A distinção entre apresentações-palavra e as ideias assimbólicas é problemática, e a assunção de um substrato não linguístico, no qual tais

ideias amputadas da linguagem são exercidas, é insatisfatória. Além disso, não está claro segundo que regras – fora das regras gramaticais – poderiam as ideias inconscientes se conectar aos resíduos verbais (Habermas, 1968, p. 241).

A linguagem resultou, pois, ali, em uma ontologia, ao reduzir o psiquismo a uma máquina semiótica regida por regras gramaticais. Para Freud (1923, p. 26), pelo contrário, “o ego é primeira e fundamentalmente um ego corporal” e os processos de simbolização, a partir da primeira infância em diante, surgem com base nas atividades e vicissitudes de um ego corpóreo.

As tensões entre o naturalismo amplo da concepção freudiana da significação, com sua primazia da pragmática sobre a semântica, por um lado, e, por outro, a ontologia linguística de Habermas, na qual as regras gramaticais governam a conexão das ideias com os resíduos verbais e onde o nível explicativo passa do sujeito cognoscente para as práticas justificatórias de uma comunidade linguística dada, desenham a natureza e os limites respectivos do empreendimento filosófico e o questionamento clínico psicanalítico sobre a significação e a representação.

Como dizer onde residem as significações e como se acessa o *insight*? Dado que os âmbitos de observação da psicanálise e da filosofia não coincidem, será válido ater-se ao ditado bíblico *E sereis guiados pela criança*. De fato, as crianças oferecem generosamente evidências relevantes, acessíveis em princípio tanto ao filósofo quanto ao psicanalista. Peço permissão, pois, para ampliar o exposto acerca de um menino de pouco mais de um ano (Ahumada, 2006) enquanto *dialoga* com o elevador do edifício, chamando-o em sua meia língua: *col, minl*. Calmo no começo, logo imperioso, mostrava-se, ao final, absorto e irritado pelo fato de o elevador não responder a seus chamados. Em sua vivência, assimilava o elevador à *classe* dos seres humanos que cuidavam dele e o chamava como àqueles, através da manifestação de seus desejos. O que, em termos técnicos, pode ser chamado uma *equação icônica*, o que, para a criança, toma a forma de um paradoxo e requer resolução através de um *insight* no nível da pragmática do jogo, não no nível linguístico. Ou seja, resolução no nível do que Bertrand Russell (1911) chamou de um conhecimento por familiaridade, uma aprendizagem ostensiva ao nível da experiência em instâncias concretas. Dado que o elevador *não* responderá a seus desejos atuados em apelações verbais, eventualmente o menino modificará – contraindutivoamente – sua *teoria* vitalista sobre o funcionamento dos elevadores.

Outro exemplo desse menino, aos três anos de idade, ocorre quando ele fazia disparos ao redor com um rifle de madeira. Seu pai perguntou-lhe o que

fazia e a criança respondeu “estou caçando”. Quando, minutos depois, o pai perguntou-lhe o que estava caçando, a resposta foi “estou caçando lobos e papais malvados”. Diante de tal mostra de rivalidade edípica, o pai se absteve de mais perguntas, ainda que sabendo que a coisa não terminaria ali. Pouco depois, e mostrando que não era claro em que nível os lobos se encontravam, o menino recebeu uma avaliação ruim no jardim de infância por morder outro menino. Anos depois transformou-se em um exímio caçador de papais substitutos: na escola secundária, entrou em conflito ao desqualificar publicamente seu professor de matemática, mostrando diante da classe um erro grosseiro na resolução de um teorema. Apenas na adolescência reconheceu tal padrão como problemático, ao se dar conta de que, por seu humor sarcástico, os amigos o deixavam de lado. Foi então que procurou a análise.

Sirva isto para mostrar que o psíquico evolui através de relações de ação/intenção guiadas por impulsos e emoções a respeito dos quais o verbalmente enunciado poderá ir nos dando pistas oportunas. Evolui, assim, dos âmbitos atuados dos impulsos e das apresentações-coisa freudianas até posteriores delineamentos conscientes na compreensão dos atributos dos objetos com os quais nos relacionamos e dos próprios modos de estruturar as relações. No caso do menino de pouco mais de um ano de idade, o fato de que – goste ele ou não – os elevadores não respondem a seus chamados verbais, apresenta-lhe um universo cuja natureza é bem diferente da de mamãe ou papai. Isso, apesar do postulado pela *estrutura linguística* da filosofia, ocorre muito antes que a criança acesse a estrutura das regras gramaticais. Freud tinha claro que o pensamento da criança procede do animado ao inanimado; a criança – e frequentemente os adultos – projeta, a partir de impulsos e desejos, um universo de objetos animados. Freud (1913) chamou isso de animismo. Somente depois a criança irá deslindar os atributos próprios dos objetos, sejam eles animados ou inanimados.

Não nos ajudam aqui a suposta transparência da comunicação pública e os jogos de linguagem. Ainda no caso do bebê de um ano de idade, dependemos do contexto para captar o ocorrido, incluindo o que significava sua comunicação verbal, ou seja, seu idioleto. E será com base nas suas experiências de falha a seu chamado verbal, dada pela falta de resposta do elevador até então sentido como vivente, que eventualmente o bebê diferenciará os objetos inanimados de sua até ali onipresente classe de objetos animados – como vivenciava o elevador. É importante assinalar que, conforme mostra seu crescente império, a consciência que vai ostensivamente obtendo das falhas em suas *teorias* com respeito às relações deve, desde cedo, atravessar barreiras emocionais de desconhecimento, fato que tanto Freud quanto Peirce tinham claro.

No exemplo do menino caçando *lobos e papais malvados*, no qual a distinção entre os lobos e os papais malvados não é óbvia, as *teorias* inconscientes evidenciadas por suas ações e emoções constroem *dedutivamente* um mundo de relações que não é governado pelas regras linguísticas, mas sim por suas ansiedades e desejos. As evidências de suas atribuições a outros e o que objetivamente lhes concerne serão tanto mais difíceis de discernir quanto mais carregadas de impulsos e de emoções forem as situações em que se envolvem.

Na década seguinte, o trabalho de Habermas se distanciou da psicanálise. Assim, em 1976, em *O que é a pragmática universal?*, restringiu sua tarefa de localizar e reconstruir as condições universais da compreensão possível às ações verbais explícitas, deixando de lado os atos não verbalizados, as expressões corporais e as ações estratégicas para circunscrever-se às ações verbais consensuais. Define ali a competência comunicativa como a capacidade do falante orientada à compreensão mútua para incorporar às relações um enunciado bem formado, independentemente dos contextos acidentais nos quais os enunciados se incorporem (Habermas, 1976). Os enunciados performativos explícitos supõem estabelecer e representar uma relação interpessoal com base no poder gerador dos atos de fala, sendo a verdade uma chamada de validade universal sustentada pela estrutura da própria linguagem. Isso vai claramente contra a ideia de Peirce de que a mudança de uma crença requer uma experiência nova, externa ou interna, e não dá lugar algum ao conflito dinâmico inconsciente intra ou interpessoal, tampouco ao requisito de um acesso contextual para sua captação e resolução.

Daí em diante, em *A teoria da ação comunicativa* (Habermas, 1981), *O discurso filosófico da modernidade* (*Ibid.*, 1985b) e *Verdade e justificação* (*Ibid.*, 1999), Habermas não encontrou uso instrumental algum para a hermenêutica profunda, na qual previamente havia localizado a psicanálise. Mas, admitindo aí o antes questionado a Freud, a operatividade de um nível subjacente de significados pré-linguísticos, concede a Mead e Durkheim que o nível básico de regulação social das condutas “funciona pré-linguisticamente e, na análise final, baseia-se em resíduos instintivos” (Habermas, 1981, p. 54). Além disso, Habermas vê como desconcertante que nossas raízes pré-linguísticas sejam, de início, de natureza simbólica, em contato com uma realidade rastreável à “história natural das performances inteligentes e dos gestos expressivos nos animais” (*Ibid.*, p. 61). Tal desconcerto mostra-lhe a necessidade de aprofundar a compreensão dos processos de simbolização para além da linguagem, o que Peirce introduz como iconicismo, o que Durkheim chama de paleossimbolismo e Habermas de pré-compreensão. Pesquisas cruzadas recentes indicam que os macacos e os bebês humanos de seis meses de idade compartilham com os humanos adultos as

capacidades matemáticas independentes da linguagem (Jordan, Brannon & Logothetis, 2005).

Destaco que Habermas, e da mesma forma Ricoeur (1969), apoiam-se no modelo psíquico topográfico inicial de Freud, assim como na teoria da neurose, em detrimento de seus modelos tardios tais como sua noção ampla de um inconsciente não reprimido ou a cisão do ego. Entretanto, Habermas (1981) não abandona o objetivo de ligar sua teoria da ação comunicativa à teoria de relações objetais, à dos mecanismos de defesa e à formação da identidade egoica.

O anterior não pretende ser uma crítica à teoria da ação comunicativa com sua pragmática universal atrelada à linguagem, crítica que não estou qualificado para abordar em seu terreno próprio, o filosófico. Permitam-me citar Habermas novamente:

A linguagem é o meio através do qual os falantes e os ouvintes realizam certas demarcações fundamentais. O sujeito se demarca: 1) do meio que objetiva na posição de observador, em terceira pessoa; 2) do meio ao qual se ajusta ou não, na posição de alter-ego do participante; 3) de sua própria subjetividade, que expressa, ou esconde, na posição de primeira pessoa; finalmente, 4) do meio da própria linguagem. Propus, com certa arbitrariedade, denominar assim tais âmbitos da realidade: *natureza externa, sociedade, natureza interna e linguagem*. As chamadas de validade que inevitavelmente estão implicadas na linguagem orientada a alcançar compreensão mostram que tais âmbitos devem sempre aparecer de forma simultânea (Habermas, 1976, p. 66).

Por motivos de espaço, restringir-me-ei ao terceiro âmbito, de onde surge que os recursos para demarcar-se a si mesmo, linguisticamente, em relação à própria subjetividade, são amplamente limitados. Os pressupostos de autotransparência da consciência ou da transparência do aparelho linguístico não dão lugar conceitual ao *desconhecimento* ativo: a ignorância, o autoengano e o engano não têm qualquer localização.

O que pode ser captado na intimidade do trabalho clínico da psicanálise, atrelado à experiência e à observação, difere dos objetos universalistas das filosofias. No trabalho clínico, os *insights* dependem do contexto e emergem do contato com o que surge em instâncias concretas, o que permite mapear na prática evidências do modo como atuam nossas barreiras de *desconhecimento* e nossas ideias e convicções às quais não tínhamos acesso. Os objetivos de alcançar a compreensão e o consenso ao nível da sociedade global assinam a teoria da ação

comunicativa de Habermas. Mas, infelizmente, a visibilidade permitida (ou buscada) no âmbito social e na esfera pública da política choca-se com restrições ainda mais notórias que no âmbito colaborativo da situação psicanalítica.

Habermas (2000, p. 48) insistiu cada vez mais que “a consciência falibilista de que podemos errar, mesmo no caso das crenças bem justificadas, depende de uma orientação para a verdade cujas raízes se estendem ao realismo das práticas cotidianas – um realismo que deixa de vigorar no discurso”, com o que passa a reconhecer as notórias diferenças entre o âmbito puramente verbal da argumentação e o âmbito da vida diária. Como bem sabia Freud, e como insiste Thomas Nagel (1994), a clínica psicanalítica expande para novas áreas o realismo psíquico da vida cotidiana. Mas, ao fazê-lo, cria pontos de ruptura com relação às explicações do senso comum e com relação ao que nossa vida cotidiana nos faz ostensível. Seguindo quem teve um papel no *revivel* peirciano atual, Umberto Eco, penso que se aplica tanto ao paciente quanto ao analista que “é difícil decidir se uma interpretação dada é boa, resulta muito mais fácil distinguir quais são más” (Eco, 1995, p. 221). O erro é mais acessível que a verdade, que é mais propriamente um conceito limite; ao sustentar que a brecha entre a aceitabilidade racional e a verdade não pode ser salva, e que a verdade e a falibilidade são duas faces da mesma moeda, Habermas (1999) aproxima-se de tal postura. Como abordei em outro texto (Ahumada, 2006), apoiado nas contribuições epistêmicas de William Whewell sobre o crescimento e as maturações psíquicas, o acesso ao erro ganha prioridade epistêmica sobre os temas da verdade.

Como bem diz Freud (1914) em *Recordar, repetir e elaborar*: “de fato, é só através da própria experiência e dos próprios fracassos que é possível acessar a sensatez” (p. 153). Na mesma linha, Habermas (2004) sustentou até pouco que:

Os fracassos da comunicação dirigem nossa atenção para a realidade de um modo intersticial de símbolos aos quais, de outra maneira, não temos acesso [...] somente nos fracassos da performance acontece que o meio da comunicação linguística emerge como um substrato compartilhado, sem o qual tampouco poderíamos existir como indivíduos (p. 4).

O termo encontro cobre uma panóplia de acordos e desacordos. Nos extremos, os encontros amorosos e os agressivos, o recurso à linguagem costuma ser pouco relevante com relação ao que só metaforicamente caberia descrever como uma *linguagem* de ações e gestos. Como afirma Freud (Pierce, 1903, p. 161) citando o *Fausto* de Goethe, “no começo, era o Ato”. Isso mostra tanto a coincidência de objetivos quanto o que diferencia o empreendimento freudiano

da busca clínica do psíquico desconhecido, busca ineludivelmente situacional, e a empreitada filosófica de Habermas em busca da universalidade da compreensão e do consenso por meio da linguagem.

Em seu comentário sobre minha conferência, o Prof. Honneth elogiou o esclarecimento de que a obra de Freud se contrapõe ao cientificismo que tem por paradigma a dedução, pois ainda hoje o naturalismo freudiano costuma ser tomado em função do modelo das ciências naturais. Pensa, com Habermas, que a visão altamente original do espírito humano que Freud trouxe segue sendo relevante para a filosofia e que o essencial da conferência aponta para as relações entre linguagem e significação, ou entre linguagem e relação com o mundo.

Ahumada, diz Honneth, questiona o que considera uma ontologia linguística. É certo que, para Habermas, a formação do conhecimento e a relação com o mundo na criança estão essencialmente marcadas pela linguagem e, a partir dessa ideia, concebe a psicanálise: o recalque é visto como deslinguistização, modelo que não era pouco usual na época e que foi também proposto por Lorentzer e Ricoeur. Ahumada pensa que, assim, perde-se de vista o que interessou mais a Freud, o desenvolvimento da compreensão pré-linguística da criança. A dificuldade reside em que os temas do conhecimento são tão complexos que usualmente consideramos significativo apenas o que está formulado em algum tipo de linguagem; mas cabe supor que existem modos de significação por fora da linguagem que são constitutivos da relação com o mundo vivido.

Exemplificando magnificamente com o diálogo do menino com o elevador, diz ainda, Ahumada sustenta que a construção da realidade surge das relações emocionais primárias. Isso pode não ser convincente, sustenta Honneth, pois não é inconciliável com a ideia de que é através da linguagem que a criança encontra o principal de seu caminho para o mundo e a socialização de suas necessidades, enquanto aprende e cresce dentro de uma linguagem. Marcando a interioridade com relação à linguagem, Habermas invoca um termo especial, a linguagem expressiva, pois uma marca afetiva caracteriza toda relação nossa com o mundo.

Ahumada traz logo a noção freudiana do ego corporal, noção, afirma Honneth, de difícil compreensão, pois costumamos entender o ego como uma instância psíquica mais do que como algo corporal. Mas é interessante contrapor esta ideia à da construção verbal do mundo, implicando que, antes de ser verbal, a criança acessa significações e que as significações pré-verbais se constituem em estreita aproximação com processos corporais, que o núcleo do espiritual apresenta ou representa a criança pequena a modo de preferências físicas ou de substâncias físicas. Tal como propõe Freud (1925) em seu breve trabalho *A negação*, a criança, antes de alcançar a capacidade verbal de negar, acessa a

negação como atividade mental, diretamente acoplada às representações de reações corporais negativas. Isto, sustenta Honneth, implica em um passo adiante ao tomar em conta os limites do âmbito linguístico e nos distancia do que, em sua época, propôs Habermas, pois vemos com maior clareza a relação entre as representações, por um lado, e seu apoio em preferências e substâncias físicas, por outro.

Segundo Honneth, ocorre um efeito paradoxal, pois, baseando tanto a psicanálise na linguagem, Habermas reinterpreto Freud segundo o caminho de uma teoria da comunicação, assumindo um déficit teórico na visão freudiana da intersubjetividade. O paradoxo, presente também em menor medida em Lorentzer¹, ocorreria devido a que, ao centrar a linguagem na intersubjetividade, tende-se a perder de vista como se constrói o intersubjetivo assim como as interações da criança. Tende-se, assim, a entender o desenvolvimento psicosssexual como um processo essencialmente monológico, ao invés de conceptualizá-lo completamente com base na linguagem. Honneth considera significativo, então, por volta de 1968-1970, uma mudança da ênfase nas relações objetais para a intersubjetividade, o que teve um papel fundamental na Europa, sendo retomado tanto por Ricoeur quanto por Habermas.

A respeito dos debates sobre a teoria do conhecimento, Honneth destaca que um interesse de base da reconstrução de Habermas foi a ideia de emancipação: também Freud supôs que o espírito humano interessa-se em sua liberdade e que o intelecto interessa-se por seu próprio desenvolvimento. Que cada paciente sofra pelas restrições de seu intelecto coloca-nos uma convergência importante entre psicanálise e filosofia. Não há alternativa, sustenta, à noção de Habermas de uma hermenêutica profunda para compreender o que ocorre na psicanálise. E pensa também que Freud não via a psicanálise como um processo intersubjetivo, mas segundo o que verificava em si mesmo, na compreensão de si, em sua própria atividade psíquica de reconstrução explicativa de sua própria história vital: ao voltar sobre si o espírito, tenta tornar-se claro para si, buscando onde perdeu sua transparência e onde se dão conexões causais que interrompem o curso racional.

Vale destacar alguns pontos. Em primeiro lugar, quando afirma que “os temas do conhecimento são tão complexos que usualmente consideramos significativo somente o que está formulado em algum tipo de linguagem”, Honneth² ilustra que os temas da simbolização somente se tornam acessíveis ao filósofo na medida em que estão formulados em algum tipo de linguagem, em algum tipo de representação. Sustentarei, a seguir, que, para o naturalismo

¹ Honneth em comunicação pessoal.

² Comunicação pessoal.

freudiano, é tarefa central a passagem, no processo de simbolização, do não representado, isto é, do não formulado, ao representado. Em segundo lugar, se, por um lado, Honneth aceita, ainda que em parte, o interesse de entender o ego como corporal, tal aceitação se restringe ao ego da criança enquanto intencional em suas preferências de substâncias ou objetos físicos, sem incluir o conflito ou o desenvolvimento emocional. Em terceiro lugar, coincidindo com Honneth quanto ao naturalismo freudiano diferir do plano do cientificismo com sua primazia epistêmica da dedução, devo esclarecer que tal cientificismo passa a englobar os distintos âmbitos das ciências naturais somente enquanto se priorizam como paradigmáticas as chamadas ciências exatas, com sua ênfase na dedução e sua pretensão de acessar certezas empíricas, tema que passo a explicitar.

A marca pitagórica nas ciências naturais

Há alguns anos, tentando resgatar a autonomia epistêmica de nossa tarefa clínica, intitulei uma recente edição de meus trabalhos publicada em Londres *Insight: ensaios sobre o conhecer psicanalítico* (Ahumada, 2011). Esse se voltava para deslindar entre o conhecer na tarefa clínica da psicanálise e a noção de conhecimento como certeza que herdamos, desde a antiguidade, dos pitagóricos em diante. Assinalei, ali, que não se deve subestimar as violências implícitas na defesa posterior da ideia de certeza, tomando como exemplo o primeiro mártir da ciência de que se tem notícia, Hipassus, um membro do círculo pitagórico, que, ao descobrir o que passou a ser denominado *números irracionais*, pôs em questão a ideia de certeza, que, para os pitagóricos, era religião.

A história merece ser retomada, pois, guardadas as distâncias, reitera-se ainda hoje. Pitágoras, fundador da geometria no Ocidente, passou décadas no Oriente Médio estudando as regras geométricas de aplicação prática ali em uso, entre elas a regra do 3-4-5, que consistia em dividir uma corda em ditas proporções, de tal modo que, unindo seus extremos, obter-se-ia um ângulo reto, regra que era amplamente usada nas construções de edifícios, na subdivisão de lotes para cultivo e no traçado dos canais para a irrigação. Ao retornar a Samos e logo a Crotona, na Sicília, Pitágoras desenvolveu a geometria como disciplina teórica no contexto de uma comunidade que fundou ali e que operava como uma religião do número. Sobre a regra do 3-4-5, construiu seu célebre teorema, estabelecendo com ele a prioridade epistêmica da razão dedutiva. A dedução, desdobrando o complexo a partir de elementos simples, teve para os pitagóricos um selo sagrado, na convicção de que, subjazendo à diversidade, à desordem e ao caos da vida cotidiana, a

Harmonia Mundi, a estrutura secreta, verdadeira, eterna e imutável do universo se assentava na sagrada simplicidade dos números (que, esclareço, abrangiam apenas os números inteiros e suas frações): *tudo é número*. Em tal contexto sacro, no qual o conhecimento dos números aproximava o homem dos deuses, a descoberta de que a relação entre o comprimento dos lados de um quadrado e o comprimento de suas diagonais – não passível de ser expresso por meio de números inteiros ou por frações – requerendo uma série indefinida de números, instituiu uma fratura em sua certeza sagrada da simplicidade do cosmos.

Que o descobridor, Hipassus, fosse atirado sem contemplações em alto mar, sendo condenado não só a morrer, mas, além disso, ao que, para os antigos gregos, era a desgraça suprema, não ser enterrado em solo natal, ilustra o fervor religioso que vicejava, e, em muitos sentidos, viceja ainda hoje nas ideias de simplicidade e de certeza. Em torno das ideias de certeza, de simplicidade e de predictibilidade derivadas dos pitagóricos, construiu-se, através dos séculos, a ideia dominante do que é ciência e, com isso, a noção de conhecimento ideal ao qual, supõe-se, devemos aspirar. Tal era a ideia de conhecimento científico em Platão, no frontispício de cuja Academia figurava o lema *não entre aqui quem ignora as matemáticas*. Tal foi a ideia da ciência em Descartes, depois em Comte, com o que chamou de *ciências positivas* e mais recentemente em Karl Popper. Nesta perspectiva, dos pitagóricos em diante, a astronomia, o estudo dos relógios celestiais com sua predictibilidade mecânica rigorosa, propôs-se como modelo geral ao qual toda área do conhecimento devia aspirar. Na perspectiva da cosmovisão positivista ou cientificista, é dever fundamental de todo campo do conhecimento – incluindo as chamadas *ciências descritivas*, nas quais Freud localizava a psicanálise – aproximar-se, ou ao menos tentar imitar a estrutura das *ciências exatas*, assentando sua noção de *empíria* na redução a *variáveis* homogêneas que possibilitem, através da dedução, a predição ponto a ponto: as chamadas *variáveis do bom comportamento* (*well-behaved variables*). No cientificismo, é ciência apenas o que é suscetível de ser reduzido a variáveis projetáveis e acessa uma representação mecânica. A redução dos fenômenos psíquicos a uma mecânica é a ideia-guia de um dos campos mais vigorosos e melhor financiados da tecnociência atual, a chamada *inteligência artificial*.

Antes de adentrar-me no tópico que me ocupa, os estágios iniciais da simbolização e a representação na psicanálise, quero assinalar brevemente os grandes panos de fundo culturais e epistêmicos de Freud: o fato de pertencer à tradição judaica, tema do qual não me ocuparei, ao qual alguns autores atribuem importância maior; seus vastos conhecimentos culturais; sua afiliação às tradições clínica e neuroanatômica (aquela mais ligada à observação, esta última mais

relacionada ao positivismo) da medicina de sua época; sua ligação ao pensamento darwiniano, que Freud destacou em múltiplas oportunidades até o final de sua vida e que amplos setores dentro da psicanálise se empenham em ignorar. A íntima ligação do pensamento freudiano com as ideias de Darwin (1872), expostas por este em mais detalhe em um livro tardio, *A expressão das emoções no homem e nos animais*, texto fundacional da etologia como marco biológico geral, tem vastas implicações respeito a como entender a amplitude e os limites da simbolização e da representação no âmbito da psicanálise. Se alguém duvidar de tal ancoragem darwinista, bastará recordar as palavras de Freud (1938) referidas ao modelo id-ego-superego: “Este esquema geral de um aparelho psíquico aplica-se também, presumivelmente, aos animais superiores que se assemelham mentalmente ao homem” (p. 147).

Concluindo minha discussão com a hermenêutica e introduzindo a crucial distinção freudiana entre *Dingvorstellungen* (apresentação-coisa) e *Wortvorstellungen* (apresentação-palavra), permitam-me fazer referência a um menino, próximo aos dois anos, que irrompeu, em uma conversa telefônica entre sua mãe e sua avó materna (residente em outro país), para lhe dizer, cheio de entusiasmo, “pipi, popó”. Em sintonia com seu entusiasmo, a avó felicitou-o ainda sem ideia de a que se referia; logo a mãe esclareceu que ele estava muito orgulhoso porque havia deixado as fraldas. As esforçadas complexidades dessa conquista central de seu crescimento psíquico, o controle dos esfínteres, movido por sua óbvia emulação do irmão dois anos mais velho, além do desejo dos pais, ficava, em sua busca do reconhecimento da avó, comprimido nesses termos: “pipi, popó”. Por mais que, como vimos, Habermas (1968, p. 241) sustente que “assumir um substrato não linguístico é insatisfatório”, parece-me inevitável que, desde o começo da linguagem verbal, esta se apoia na prioridade das espontaneidades em jogo no afetivo e no vincular.

Os três níveis da simbolização no pensamento de Money-Kyrle

Foi Roger Money-Kyrle (1965, 1968, 1971), analisado por Freud no começo da década de 1930, que, no grupo kleiniano, levou mais em conta a raiz darwinista do pensamento freudiano. Suas referências a respeito foram breves e aparecem em especial em três trabalhos, *Êxito e fracasso das maturações psíquicas* (1965), *Desenvolvimento cognitivo* (1968) e *O objetivo da psicanálise* (1971). No primeiro, indica que as pré-concepções inatas estão sujeitas a um processo de brotação ou fissão e devem encontrar realizações a fim de formar concepções (conceitos, classes

ou categorias). Assim, a experiência psicanalítica mostra que a noção de um pênis em relação com um vagina pareceria brotar da noção de um mamilo em relação a uma boca.

As pré-concepções inatas carentes de imagem deverão ser pareadas com realizações, dando lugar a concepções ligadas a imagens que, por sua vez, passarão a tomar o papel de pré-concepções mais específicas (Money-Kyrle, 1965). A experiência psicanalítica, afirma, sugere três etapas no surgimento do pensamento representativo. Na primeira etapa, o que posteriormente poderá evoluir até se converter na representação verbal de um objeto ausente, é vivenciada de modo concreto como uma identificação – projetiva ou introjetiva – com o objeto. Muito da obra de Melanie Klein, sustenta, pertence a esse tipo de representação concreta por identificação. A segunda etapa é a representação ideográfica, que se dá, predominantemente, em termos visuais: o pensamento onírico investigado por Freud pertence, em boa medida, a esse nível. A terceira etapa corresponde ao pensamento verbal, que domina nossa atividade consciente.

Em *Desenvolvimento cognitivo* (Money-Kyrle, 1968), afirma que o desenvolvimento de qualquer conceito central para o desenvolvimento emocional – como o conceito do pênis paterno – deve atravessar três etapas: identificação concreta, representação ideográfica inconsciente, representação verbal predominantemente consciente. Se essa última etapa for alcançada, por assim dizer, de uma forma teórica, sem atravessar as etapas anteriores, o conceito resultante será inútil para o desenvolvimento emocional.

Destaco que, se em *Êxito e fracasso nas maturações psíquicas*, Money-Kyrle (1965) localiza a primeira etapa da simbolização, a identificação concreta, nas etapas representativas, em *Desenvolvimento cognitivo* (*Ibid.*, 1968), a referência à identificação concreta não é proposta explicitamente como representativa, pois fala simplesmente de *identificação concreta*, diferentemente das duas etapas seguintes, a representação ideográfica inconsciente e a representação verbal. Isso marca, em meu entender, uma diferença crucial na natureza das etapas do processo de simbolização. A primeira etapa, a identificação concreta, dar-se-á sem-imagem representável, e é possível localizá-la no nível freudiano da apresentação-coisa, nível que Freud não detalha nem exemplifica suficientemente em sua obra, mas que sustenta e defende até o final como constitutivo do inconsciente: apresentação-coisa da qual dependerá, em última instância, afirma resolutamente, qualquer significação verbal.

O leitor notará que utilizo como tradução da palavra alemã freudiana *Dingvorstellung* o termo apresentação-coisa, que tomo da tradução inglesa de Strachey, em vez do termo representação de coisa, como se costuma traduzir nas

línguas latinas e que é usado por freudianos eminentes como Laplanche e Pontalis (1967) em seu *Dicionário de psicanálise* e Valls (2009) em seu *Dicionário freudiano*. Como destacam, entre outros, Cheshire e Thomä (1991), o termo alemão *Vorstellung* é mais amplo que o termo latino representação: este reenvia a algo, a seu referente, mais do que denota um evento em si mesmo. A tradução mais usual, representação de coisa, borra a diferença crucial entre o nível da apresentação-coisa e o nível das apresentações-palavra que, estas sim, re-presentam no sentido de fazer verbalmente presente seu referente, um objeto ou evento diferente das próprias palavras.

A firme distinção freudiana desses dois níveis, o das apresentações-coisa e o das apresentações-palavra, propõe um ponto de ruptura entre o naturalismo freudiano e os enfoques hermenêuticos, nos quais é premissa que a significação radica na linguagem, que carecem de uma conceptualização do desenvolvimento psíquico e emocional e que, salvo contadas exceções, como Susanne Langer, não admitem necessidade alguma de levar em consideração os desenvolvimentos iniciais do psiquismo. Para os filósofos, não é confortável, e talvez nem mesmo digno, reconhecerem-se como primatas nem admitirem como relevante que, em algum momento, foram bebês, o que tem como consequência o intelectualismo que caracteriza as conceptualizações filosóficas da simbolização.

De acordo com Susanne Langer (1942), que, tomando por base Bertrand Russel e Freud, distingue nos processos de simbolização um nível apresentacional e um nível representacional, a meu entender o termo simbolização é mais abrangente que o termo representação, com o qual é possível admitir – ou melhor, resulta inegável como passo inicial da significação – que a simbolização se inicia na ausência de representação discernível para o observador externo. Entendo que a origem do processo da simbolização localiza-se, no desenvolvimento psíquico de cada um de nós, no que René Spitz (1964) chama de diálogo primário (*primal dialogue*) do bebê com sua mãe: o diálogo de ação de mútuo espelhamento movido pelos afetos, que surge desde a gravidez e continua na amamentação e precede, em muito, a compreensão da linguagem verbal por parte do bebê.

Diálogo de mútuo espelhamento, no qual, como afirma Justin Call (1980), o bebê é o iniciador, enquanto a mãe é o seguidor. No diálogo primário, cumpre-se aquilo em que insistia crucialmente Winnicott: como ponto de partida em seu gesto espontâneo, o bebê deve sentir que cria ao mesmo tempo que descobre. Que a integridade e a continuidade do diálogo primário são essenciais para o desenvolvimento emocional do bebê e também para sua sobrevivência física, deveria ter ficado claro desde os trabalhos pioneiros de Spitz (1945) sobre o hospitalismo.

O diálogo primário e o início do processo de simbolização

Como destacou há pouco um pesquisador da díade lactante-mãe, o psicanalista sueco Bjorn Salomonsson (2012), hoje é possível estipular com precisão que o início dos processos de simbolização localiza-se na gravidez e nos primeiros momentos de contato do bebê com sua mãe. Já os trabalhos pioneiros de Alessandra Piontelli (1992) mostraram, através de filmagens ecográficas, que os bebês eram, no caso dos gêmeos, capazes de rivalizar entre si a socos e que modificavam suas condutas intrauterinas devido a situações traumáticas. Desde antes do nascimento, pois, e certamente desde o começo da amamentação, o bebê acessa experiências no contexto do diálogo primário. O ego do lactante é, então, como anotou famosamente Freud, um ego corporal, uma diferenciação do id a partir da percepção. Mas caberia agregar, seguindo a distinção citada de Peirce entre percepção e experiência, que o ego é uma diferenciação do id a partir de suas experiências emocionais, que já implicam processos de simbolização. Foi mérito de Salomonsson detalhar, nos tratamentos da díade lactante-mãe, a maneira como os desencontros do diálogo primário configuram o curso posterior da relação do bebê com sua mãe, mas é necessário enfatizar que evidenciar os desencontros ressalta a importância central da continuidade do encontro no diálogo emocional, demarcando o desenvolvimento psíquico do bebê, sustentando a continuidade do seu “seguir sendo” (*going on being*) (Winnicott, 1949, p. 189).

Retomemos os três níveis dos processos de simbolização de Money-Kyrle: identificação concreta, representação ideográfica e representação verbal e também sua afirmação de que os processos posteriores de simbolização dependem dos prévios, que exemplifica dizendo que a noção de um pênis em relação a uma vagina pareceria brotar da noção de um mamilo em relação à boca. Isso vale do ponto de vista cognitivo, mas também, e sobre tudo, para os processos emocionais na medida em que, como destaca Money-Kyrle, se as etapas posteriores são alcançadas somente de forma teórica, sem atravessar a concretude das etapas anteriores, isso não conduz ao desenvolvimento emocional. A espontaneidade e a riqueza emotiva dos encontros bebê-mãe no diálogo primário (que, mesmo incluindo, de início, verbalizações e cantigas por parte da mãe, pertence fundamentalmente ao nível das apresentações-coisa) passam assim a constituir-se na garantia e no fundamento dos desenvolvimentos emocionais posteriores.

Há quase meio século, Winnicott (1967, p. 582) advertia que, “cada vez mais, nossos pacientes necessitam sentir-se reais; se não o conseguem, o compreender passa a ser, para eles, algo extremamente secundário”. Nessa mesma época, René Spitz (1964, p. 762) afirma, alarmado:

Revisando meu tempo vivido, parece-me que houve um rápido incremento da delinquência juvenil, cada vez mais sádica, e do crime adolescente; de uma homossexualidade muito difundida e relegada ao ostracismo social; das neuroses e psicoses severas; de formas estranhas de agrupamento social com, para dizê-lo de forma suave, costumes peculiares; de práticas de criação de filhos cada vez mais inapropriadas.

Um pouco mais adiante, Spitz destaca que a empatia da mãe é, em parte, consciente e, provavelmente, inconsciente em muito maior medida e que o desvio do diálogo primário da infância – que ilustra magistralmente com um caso de mericismo (regurgitação) em um lactente de oito meses – acontecendo quando o ego está em formação, obstrui a possibilidade dos desenvolvimentos emocionais posteriores.

De modo similar, Winnicott (1956) havia denominado *preocupação materna primária* ao particular estado mental de atenção da mãe em relação com a gravidez e, logo, com o bebê, que considerou fundamental para as evoluções psíquicas subsequentes. Já há alguns anos antes, havia descrito tal estado no início dos processos de simbolização:

A adaptação da mãe suficientemente boa às necessidades da criança dá a esta a *ilusão* de que há uma realidade externa que corresponde à capacidade própria da criança para criar. Para o observador, a criança percebe o que a mãe lhe apresenta, mas isso não é toda a verdade. A criança percebe o peito só na medida em que possa criar um peito justamente naquele momento. Não há intercâmbio entre a mãe e a criança. Psicologicamente, a criança toma um peito que é parte da criança, e a mãe dá o leite a uma criança que é parte dela. Em psicologia, a ideia de intercâmbio se baseia em uma ilusão (*Ibid.*, 1951, p. 239).

As complexidades atinentes à compreensão dos primeiros processos de simbolização, incidindo tanto sobre o objeto quanto sobre um si-mesmo em evolução em direção à diferenciação a partir de uma unicidade primária com a mãe, evidenciam-se ainda mais quando, quase duas décadas depois, Winnicott (1970, p. 253-4) insiste:

A etapa de dependência absoluta, ou quase absoluta, pertence a um estado no qual o bebê ainda não separou um NÃO-EU [*NOT-ME*] do que é EU [*ME*], ao bebê ainda não equipado para tal tarefa. Em outros termos, o

objeto é um objeto subjetivo, não percebido objetivamente. Ainda que seja repudiado, posto de lado, o objeto segue sendo um aspecto do bebê.

Estas citações apontam a complexidade do início dos processos de simbolização localizados além do que a compreensão filosófica pode abarcar e além, também, do que o cientificismo das neurociências capta. Ditas complexidades em múltiplos níveis do processo de simbolização abrangem, de início, duas dimensões correlativas e coexistentes: por um lado, a captação e o esclarecimento das realidades externas, incluindo no lugar central as evoluções para a posterior captação do outro como tal; por outro lado, a aclaração do si-mesmo a partir de uma situação inicial onde não se delimita um não-eu com relação ao si-mesmo.

A obstrução da simbolização inicial e as mudanças na psicopatologia

Ilustrarei as complexidades e a multiplicidade de níveis em jogo na simbolização inicial com duas cenas de um bebê chegando aos três meses de idade, em geral tranquilo, que gostava visivelmente de receber atenção, entrando com facilidade em interações prazerosas – sorrisos, risadinhas, gritinhos, esperneadas – não só com a mãe, mas também com o pai, o irmão de três anos e os avós. Em tais ocasiões, fixava firmemente o olhar em seu interlocutor. Por essa época, estando sozinho, contemplava suas mãos com frequência, brincava com elas e experimentava chupá-las de mil maneiras.

A primeira cena concerne a seu *descobrimento* do pé direito: dobrando com calma seu tronco, lançava ambas as mãos até encontrar o pé, descoberta que desencadeava um pico de alegria e que repetia com frequência (descobrir seu pé esquerdo requereu algum tempo mais). Em tais momentos de exploração, parecia estar consigo mesmo, ainda que se conectasse facilmente com aqueles que o cercavam. Tal *descobrimento* e a explosão de alegria que o acompanhava mostra sua capacidade de buscar, explorar e desfrutar precocemente e de modo reiterado os deslindes perceptuais ao nível do próprio corpo.

A segunda cena ocorreu na semana seguinte: em momentos em que se encontrava imerso em uma orgia prazerosa com a avó, com muitas gargalhadas e esperneadinhas, seus olhares soldados um ao outro, aconteceu que, catastroficamente, tocou o telefone celular da avó, que atendeu o chamado, desconectando-se do bebê por poucos minutos. Quando tentou voltar a ele,

encontrou um bebê ofendido e irritado, que esquivava o olhar e se virava com violência para o lado oposto quando ela tentava se aproximar e se conectar. O bebê levou muitas horas para *perdoar* a desatenção da avó e readmiti-la no seu afeto.

Poucos dias depois, o bebê, que até então mamava no peito, teve que ser passado repentinamente para a mamadeira, pois sua mãe necessitou ingerir um antibiótico tóxico. O bebê mostrou certo desgosto, protestando um tanto frente à mudança de seu alimento, mas em nenhum momento mostrou uma reação similar ao retiro aversivo violento que havia mostrado frente à desatenção da avó. Aos seis meses foi desmamado sem problema algum, mas, quando aconteceu de a mãe atender um telefonema em momentos em que se olhavam nos olhos dando-lhe ela a mamadeira, o bebê mostrou uma resposta aversiva, irritada, distanciando-se tal como fizera com a avó aos três meses. Resulta, pois, claro que a experiência de ruptura em idade tão precoce havia deixado sua marca ao nível, nos termos de Melanie Klein (1961, p. 136), das “memórias em vivências” (*memories in feelings*).

É evidente que o momento de fusão emocional extática com o objeto amoroso, o fluir-mútuo-em-uniidade (*flowing-over-at-oneness*), como é chamado por Tustin (1972), expôs o bebê ao trauma da ruptura afetiva, pois tolerava sem problemas que lhe fosse retirada a atenção em circunstâncias mais calmas. Tais estados de fusão extática devem ser considerados sexuais na medida em que são massivamente eróticos, sendo este o motivo pelo qual utilizei o termo *orgia* ao descrever a cena. Implicam em contatos arriscados, com o potencial de conduzir, em maior ou menor medida, a traumas rupturais. Se seguimos Tustin (1988, p. 44) quanto a que “as reações autísticas são um exagero de um repertório inato de reações elementares que fazem parte do que cabe a todos os seres humanos”, poderíamos dizer que a cena descrita constitui um minimodelo cotidiano do tipo de ameaça elementar de ruptura da própria existência, que pode eventualmente levar aos transtornos do espectro autístico.

Examinemos, do ponto de vista dos limites alcançáveis pela objetivação dos processos psíquicos no aparato conceitual da psicanálise, estas cenas, tomando como exemplo a noção de *peito*. Em algum lugar, Bion comenta, ironicamente, penso, que, se lhe perguntassem o que entendia por *peito*, responderia que entendia o que supunha que o bebê entendia pelo *peito*! No que diz respeito a Winnicott, uma carta de 1954 a Betty Joseph faz referência

à ideia de um meio ambiente mau, ou, em sua linguagem, de um *peito mau* [...] estou tentando chamar a atenção para as etapas mais precoces, muito por fora da fantasia [...] encontro grande dificuldade em conseguir que se

deixe de lado por um momento a fantasia de um peito mau por parte da criança e se passe a uma etapa anterior, ao efeito de uma má técnica de maternidade, como por exemplo a rigidez (a defesa materna contra o ódio) ou a confusão [*muddle*] (expressão do estado caótico da mãe). (Rodman, 1987, p. 59).

Destaco que, além de seu uso de termos curiosamente impessoais como meio ambiente ou técnica de maternidade, Winnicott aborda aqui situações centrais, ainda que dificilmente objetiváveis: o contato do bebê com os estados emocionais de sua mãe e o impacto de tais estados de ódio ou caos materno em sua estruturação psíquica nas vicissitudes do que denominou *holding* e que Bion retomou com o nome de *rêverie*.

Voltando ao mencionado por René Spitz, em nível social, sobre o surgimento massivo de grupos sociais bizarros e, em nível de diálogo primário, sobre as mudanças nas formas da criação para modos cada vez mais inapropriados, vale a pena questionar tais afirmações a partir do que Winnicott denominou *preocupação materna primária*: a citação sobre a centralidade do contato do bebê com os estados emocionais de sua mãe e sobre o impacto de tais estados em sua estruturação psíquica. Impõe-se, pois, a pergunta: o que ocorre com a preocupação materna primária na *era dos meios*?

Parece claro que a passagem da família estendida, nuclear – que incluía três gerações e na qual a amamentação era um momento privilegiado, com a união do grupo familiar dando suporte à mãe lactante e que cede lugar à inclusão das mães no trabalho e à interrupção prematura da amamentação para retomarem suas tarefas – teve efeitos maiúsculos sobre a preocupação materna primária, sobre o diálogo primário e, por fim, sobre os processos precoces de simbolização.

Isso se liga, a meu entender, como já o sabiam Spitz e Winnicott, com o grande tema das mudanças nas psicopatologias, desde as neuroses até os transtornos narcisísticos e logo aos transtornos do espectro autístico (Ahumada, 1999, 2011), tema ao qual os psicanalistas prestaram muito menos atenção que o Secretário Geral Ban Ki-moon e a *Assembleia Geral das Nações Unidas*, dedicando aquele sua mensagem anual do ano de 2012 ao tema do autismo, esta declarando por unanimidade o dia 2 de fevereiro como Dia Mundial de Conscientização do Autismo. Sirva como amostra da magnitude do tema que uma organização oficial dos Estados Unidos, os *Centers for Disease Control and Prevention* (CDCs) estimam que onze por cento dos meninos e meninas entre quatro e dezessete anos e dezenove por cento (isto é, quase um de cada cinco) dos meninos entre quatorze

e dezessete na escola secundária haviam recebido diagnósticos de TDAH (Park, 2013).

As vicissitudes da objetivação nas neurociências

Mencionei há pouco, talvez muito *en passant*, os limites da objetivação da noção de *peito* da psicanálise, limites com os quais, de um modo ou outro, voltamos a nos deparar com frequência no campo do psiquismo. Como já tinha claro Aristóteles, as tentativas de forçar a objetivação além do que permitem as qualidades de um campo de estudos dado conduzem apenas à distorção. Sirvam como exemplo as noções de *memória procedimental ou implícita* e de *memória declarativa ou explícita*, que, surgidos das neurociências, conseguiram firmar-se no âmbito da psicanálise.

Retomarei, ilustrando tal distorção, o expresso em outro lugar (2011) em réplica ao prêmio nobel Eric Kandel, que, em dois artigos célebres (Kandel, 1998, 1999), propôs uma ruptura entre a psicanálise científica, atrelada epistemicamente às neurociências, e uma psicanálise hermenêutica, equiparável a uma filosofia da mente, apta somente aos fins filosóficos ou poéticos. Kandel deixou, assim, solenemente de lado o método clínico e o pensamento clínico, a cuja reivindicação se propõem estas linhas.

Para sustentar a contribuição da neurologia ao estudo dos processos psíquicos inconscientes, Kandel remeteu-se à dicotomia entre memória declarativa ou explícita e memória procedimental ou implícita, que supõe evidenciável apenas na performance e não acessível em nenhum caso à consciência. Com base na memória implícita, postula um *inconsciente procedimental* similar a esta, sustentando que muitas mudanças no processo psicanalítico não derivam do *insight* consciente, mas de um “conhecimento e um comportamento inconscientes procedimentais (não verbais)” (Kandel, 1999, p. 509). Toma como fato que:

durante os dois, três primeiros anos de vida, quando a interação com sua mãe é particularmente importante, a criança se apoia primariamente em seus sistemas de memória procedimental. Tanto nos humanos quanto nos animais de experimentação, a memória declarativa se desenvolve mais tarde (*Ibid.*, p. 513).

A insólita afirmação de Kandel de que as crianças nos primeiros dois, três anos de vida não têm memória consciente dos indivíduos, objetos ou lugares,

ilustra de forma primeva a magnitude das distorções que o experimentalismo consegue introduzir no âmbito do psíquico.

Minha réplica ao postulado de que nos primeiros dois, três anos de vida a memória é apenas procedimental é dada pelo exemplo de um bebê de sete meses e meio, deixado mais tarde que o comum na casa de seus avós. Incomodado por estar ali, a essa hora seu olhar era opaco, mostrando pouca vitalidade. No afã de fazê-lo sentir-se em casa, a avó aproximou dele uma fotografia de seu pai sorrindo. Ao reconhecê-lo, o bebê começou a rir e espernear, mas, segundos depois, aparentemente ao se dar conta de que era só uma fotografia, perdeu o interesse, mantendo-se, contudo, atento às chamadas do telefone que anunciariam a chegada de seus pais. Que frequentemente o bebê colocasse a chupeta ao contrário para logo tirá-la, examiná-la e colocá-la corretamente, ainda que sendo um procedimento, evidencia questionamento, reconhecimento e *pensamento*. Que, ao observar o avô mordendo seu cachimbo, tirasse a chupeta, a examinasse atentamente, e logo olhasse com grande interesse para o cachimbo mostra uma *inferência* relacional. Se quiséssemos expressar isso em termos que desde já não são os do bebê, teríamos algo como “com-minha-chupeta assim como o avô com seu cachimbo”. Além disso, que, ao ir dormir munido de duas chupetas, pusesse uma na boca, dando a outra ao ursinho que abraçava nessa situação indica *pensamento* de que o ursinho necessitava e gostava da chupeta como ele.

Isso mostra, aos sete meses e meio de idade, com relação ao seu companheiro ursinho, sinais de uma *teoria da mente* maior do que o anteriormente indicado, da memória explícita de pessoas, objetos e lugares. A memória explícita não verbal e, mais importante do que ela, o *pensamento* surgem muito antes que o bebê identifique *verbalmente* pessoas, objetos e lugares e antes, desde já, que os métodos experimentais consigam captá-lo. Apoiando-se no experimentalismo e tentando reduzir o psiquismo do bebê pré-verbal a uma mecânica procedimental às custas da espontaneidade à que a observação clínica tem acesso, Kandel joga fora o bebê junto com a água da banheira. Um bebê que, atendo-se fielmente às noções de Kandel, não mostrasse aos poucos meses aguda atenção e capacidade de discriminar indivíduos, objetos e lugares seria um bebê autista.

Enquanto a filosofia hermenêutica pensa o bebê pré-verbal somente em função de preferências físicas ou de substâncias físicas, as neurociências – na tentativa de substituir, segundo Kandel, Freud por Pavlov – supõem objetivar o psiquismo à custa de aboli-lo. Frente à atual *epidemia de autismo*, com seu déficit de atenção observável sobre tudo nas crianças e nos adolescentes, exemplifica-se a fragilidade das tentativas de objetivação por parte das neurociências. Essas promoveram por décadas o uso de medicações nos quadros do espectro autístico.

Contudo, um organismo oficial dos Estados Unidos, o CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*), teve que admitir hoje que “não há qualquer medicação que cure o TDAH ou trate sequer dos sintomas principais” (Preidt, © 2005-2013, não paginado). Será, pois, responsabilidade insubstituível da psicanálise, resgatando sua autonomia epistêmica, a urgente tarefa de atender aos processos de simbolização e representação precoces, nas origens de um desenvolvimento emocional hoje posto à prova. □

Abstract

The range and limits of symbolization and representation of mental processes in the philosophies, psychoanalysis and neurosciences

Due to the changes of psychopathology that overwhelm us today as psychoanalysts as well as citizens, this study aims to disentangle whether such changes at the beginning of the psyche are capable of being covered by the philosophies – exemplified by Habermas phenomenology – or by the neurosciences. The phenomenology only reaches a glimpse and as a periphery, the occurrence of psychic phenomena outside its text, while the neurosciences only maidenly extend its field of study beyond the Cartesian base of their mechanical models. Therefore, it is questioned the distinction done by the neurosciences of a procedural or implicit memory, which seems not to distinguish individuals or events, and of an explicit memory, which only appear after two to three years of age. Thus, it is for psychoanalysis, coming from the wide naturalism of Freud, far from the Cartesian notion, to reconcile its place in the study of the effects of the virtual culture media on the symbolism and representation, especially regarding the early psyche, within the framework of current *epidemic of autism*.

Keywords: phenomenology, Habermas, neurosciences, Kandel, early psyche, autism epidemic, procedural or implicit memory, verbal or explicit memory, virtual culture media.

Resumen

Amplitud y límites de la simbolización y la representación de los procesos psíquicos en las filosofías, el psicoanálisis y las neurociencias

Ante los cambios de las psicopatologías que hoy nos abruma como psicoanalistas e incluso como ciudadanos, el presente trabajo apunta a deslindar si dichos

cambios, a punto de inicio en el psiquismo temprano, son en principio abarcables por las filosofías – ejemplificadas por la fenomenología de Habermas – o por las neurociencias. La fenomenología sólo llega a vislumbrar tentativamente y al modo de una periferia la ocurrencia de fenómenos psíquicos por fuera del modelo del texto al cual se ciñe, en tanto que las neurociencias sólo tímidamente amplían su campo de estudio más allá del cartesianismo de base de sus modelos mecánicos. A tal fin se cuestiona la distinción por las neurociencias de una memoria procedimental o implícita, que supone no distinguir individuos o eventos, y una memoria explícita que aparecería recién a partir de los 2-3 años. Queda pues para el psicoanálisis, ubicado en la línea del naturalismo amplio de Freud lejos de los cartesianismos, acordar su debido lugar al estudio de las incidencias de la cultura de los medios sobre la simbolización y la representación, en especial en cuanto al psiquismo temprano, en el marco de la actual *epidemia del autismo*.

Palabras clave: fenomenología, Habermas, neurociencias, Kandel, psiquismo temprano, epidemia del autismo, memoria procedimental o implícita, memoria verbal o explícita, cultura de los medios.

Referências

- Ahumada, J. L. (1999). *Descobertas e refutações: a lógica do método psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago.
- . (2006). The analytic mind at work: counter-inductive knowledge and the blunders of so-called “theory of science”. In J. Canestri. *The analytic mind at work*. Londres: Wiley.
- . (2011). *Insight: essays on psychoanalytic knowing*. Londres: Routledge.
- Call, J. D. (1980). Some prelinguistic aspects of language development. *Journal of American Psychoanalytic Association*, 28 (2), 259-89.
- Preidt, R. (© 2005-2013). 1 in 10 U.S. kids diagnosed with ADHD: but many children who get diagnosis may not really have the condition, experts say. *WebMD*. Recuperado em novembro, 2013, de <http://www.webmd.com/add-adhd/childhood-adhd/news/20130401/one-in-10-us-kids-diagnosed-with-adhd-report>
- Cheshire, N., & Thomä, H. (1991). Metaphor, neologism and “open texture”: implications for translating Freud’s scientific thought. *The International Journal of Psychoanalysis*, 18 (3), 429-455.
- Coady, C. A. J. (1995). Common sense. In T. Honderich (Ed.). *The Oxford companion to philosophy* (p. 142). Oxford, New York: Oxford University Press.
- Darwin, C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. New York, BiblioBazaar, 2007.

- Dosse, F. (1992). *Histoire du structuralisme* (2 volumes). Paris : La Découverte.
- Eco, U. (1995). Unlimited semeiosis and drift: pragmatism vs. «pragmatism». In K. L. Ketner (Ed.) *Peirce and contemporary thought: philosophical inquiries* (pp. 205-221). New York: Fordham University.
- Freud, S. (1913) *Totem and taboo* (The Standard Edition, Vol. 13). London : Hogarth Pres.
- _____. (1914). *Remembering, repeating and working-through* (The Standard Edition, Vol. 12). London : Hogarth Pres.
- _____. (1923). *The ego and the id* (The Standard Edition, Vol. 19). London : Hogarth Pres.
- _____. (1925) Negation. In _____. *The ego and the id* (The Standard Edition, Vol. 19, pp. 235-42). London : Hogarth Pres
- _____. (1938). *An outline of psycho-analysis* (The Standard Edition, Vol. 23). London : Hogarth Pres.
- Habermas, J. (1968). *Knowledge and human interests*. Boston: Beacon, 1971.
- _____. (1976). What is universal pragmatics? In T. McCarthy (Ed.). *Communication and the evolution of society* (pp. 1-68). Boston: Beacon, 1979.
- _____. (1981). *The theory of communicative action*. (Vol. 2, Lifeworld and System: a critique of functionalist reason). Boston: Beacon, 1989.
- _____. (1985a). Questions and counter questions. In R. J. Bernstein. *Habermas and modernity* (pp. 192-216). Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- _____. (1985b). *The philosophical discourse of modernity: twelve lectures*. Cambridge ,MA: MIT Press.
- _____. (1999). *Verdad y justificación: ensayos filosóficos* . Madrid: Trotta, 2002.
- _____. (2000) Richard Rorty's pragmatic turn. In R. B. Brandon. *Rorty and his critics* (pp. 31-55). Malden, MA; Londres: Blackwell.
- _____. (2004, November 11) *Public space and political public sphere: the biographical roots of two motifs of my thought*. Conferência comemorativa, Kyoto.
- Jordan, K. E., Brannon, E. M., Logothetis, N. K. & Ghazanfar, A. A. (2005). Monkeys match the number of voices they hear to the number of faces they see. *Current Biology*, 15 (11), 1034-38.
- Kandel, E. R. (1998). A new intellectual framework for psychiatry. *American Journal of Psychiatry*, 155 (4), 457-69.
- _____. (1999). Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. *American Journal of Psychiatry*, 156 (4), 505-24.
- Klein, M. (1961). *Narrative of a child analysis: the conduct of the psycho-analysis of children as seen in the treatment of a ten year old boy*. London: Hogarth, 1975.
- Langer, S. K. K. (1942). *Philosophy in a new key: a study in the symbolism of reason, rite and art*. Cambridge, MA: Harvard; Oxford, 1957.
- Laplanche, J. & Pontalis J.-B. (1967) *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Presses Universitaires de France.

- Money-Kyrle, R. (1965). Success and failure in mental maturations. In D. Meltzer (Ed.). *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle* (pp. 416-33). Perthshire: Clunie Press, 1978.
- . (1968). Cognitive development. In D. Meltzer (Ed.) *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle* (pp. 397-406). Perthshire: Clunie Press, 1978.
- . (1971). The aim of psychoanalysis. In D. Meltzer (Ed.) *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle* (pp. 442-449). Perthshire: Clunie Press, 1978.
- Nagel, T. (1994). Freud's permanent revolution. In ———. *Other minds: critical essays 1969-1994* (pp. 26-44). New York, Oxford: Oxford University Press, 1995.
- Peirce, C. S. (1903). The principles of phenomenology. In J. Buchler (Ed.). *Philosophical writings of Peirce* (pp. 74-97). New York: Dover, 1955.
- . (1905). Critical common-sensism. In J. Buchler (Ed.) *Philosophical writings of Peirce* (pp. 290-301). New York: Dover, 1955.
- Piontelli, A. (1992). *From fetus to child: a developmental and psychoanalytic study*. Londres: Routledge.
- Ricoeur, P. (1969). *The conflict of interpretations: essays in hermeneutics*. London, New York: Continuum, 2004.
- Rodman, F. R. (Ed.) (1987). *The spontaneous gesture: selected letters of D. W. Winnicott*. Londres: Karnac.
- Russell, B. (1911). Knowledge by acquaintance and knowledge by description. In ———. *Mysticism and logic* (pp. 200-221). Londres: Unwin Paperbacks, 1989.
- Salomonsson, B. (2012). Has infantile sexuality anything to do with infants? *International Journal of Psychoanalysis*, 93 (3), 631-47.
- Spitz, R. A. (1945). Hospitalism: an inquiry into the genesis of psychiatric conditions in early childhood. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 1, 53-74.
- . (1964). The derailment of dialogue: stimulus overload, action cycles, and the completion gradient. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 12 (4), 762-65.
- Park, A. (2013, April 2). Understanding the rise in ADHD diagnoses: 11% of U.S. children are affected. Recuperado em novembro, 2013, de <http://healthland.time.com/2013/04/02/understanding-the-rise-in-adhd-diagnoses-11-of-u-s-children-are-affected/>.
- Tustin, F. (1972). *Autism and childhood psychoses*. Londres: Hogarth.
- . (1988). The 'black hole': a significant element in autism. *Free Association*, s (1), 35-50.
- Valls, J. L. (2009). *Diccionario freudiano* (2a. ed.). Buenos Aires: Gaby.
- Winnicott, D. W. (1949). Birth memories, birth trauma, and anxiety. In ———. *Through pediatrics to psychoanalysis* (pp. 174-93). New York: Basic Books, 1975.
- . (1951). Transitional objects and transitional phenomena. In ———. *Through pediatrics to psychoanalysis* (pp. 229-42). New York: Basic Books, 1975.
- . (1956). Primary maternal preoccupation. In ———. *Through pediatrics to psychoanalysis* (pp. 300-5). New York: Basic Books, 1975.

_____. (1967). Postscript: D.W.W. on D.W.W. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davies (Eds.). *Psychoanalytic explorations* (pp. 569-82). Londres: Karnac, 1989.

_____. (1970). The mother-infant experience of mutuality. In C. Winnicott, R. Shepherd & M. Davies (Eds.). *Psychoanalytic explorations* (p. 251-60). Londres: Karnac, 1989.

Recebido em 13/05/2013

Aceito em 22/05/2013

Tradução de **Ana Rachel Salgado**

Revisão técnica de **Tula Bisol Brum**

Jorge L. Ahumada

Avda. Las Heras 3898, 3° “H”,

C1425ATP – Buenos Aires – Argentina

e-mail: ahumada.jorge@gmail.com

© Jorge L. Ahumada

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA